

**CONSTRUINDO A DIVERSIDADE CULTURAL EM REDES DE SUSTENTABILIDADE. O CASO
DA COOPERATIVA AÇAÍ, DE PORTO VELHO, RO.**

Anelise Fabiana Paiva Schierholt¹

José Rogério Lopes²

Resumo: Este estudo trata de expor a configuração e constituição da produção de bijoias, ecojoias e bonecas de pano pela Cooperativa Açaí, inserida no contexto urbano de Porto Velho, RO, e evidenciar como a trajetória da mesma foi marcada pelo estabelecimento de parcerias e redes para a objetivação de seus produtos, nas quais se construiu uma concepção de diversidade cultural. Os procedimentos metodológicos seguiram a orientação da abordagem etnográfica, consistindo de um conjunto de procedimentos estruturados em observação direta dos fenômenos pesquisados, elaboração de caderno de campo, realização de entrevistas semiestruturadas, bem como produção de vídeos e fotografias dos contextos em que os sujeitos estão situados. Buscamos enfatizar, mesmo de forma ainda segmentada, que as atividades da Cooperativa são melhor objetivadas quando se aproximam dessas parcerias, sobretudo da cadeia Justa Trama, e são mais subjetivas quando relacionadas ao contexto ambiental amazônico, devido às tramas organizacionais que caracterizam aquelas objetivações.

Palavras-chave: Bijoias, redes de sustentabilidade, diversidade cultural.

Esse estudo se orienta pela concepção de cultivação cultural em Simmel (2005), na qual o autor afirma que um produto cultural não é criação apenas de um sujeito, mas o resultado de um conjunto de trabalhos parciais. Pensamos que a Cooperativa Açaí é um espaço onde as pessoas realizam trabalhos parciais e recíprocos e no qual o conjunto gera o produto. Assim, mesmo denominado de Cooperativa, o seu modelo aproxima-se mais da ideia de cadeia produtiva que orienta as interações de um conjunto de coletivos, na Justa Trama, como veremos adiante.

Porém, como a cultivação cultural opera objetivações que nascem da consciência subjetiva, mas vão além dela, tais objetivações adquirem um fundamento e um direito, ou seja, “o sentido cultural do objeto” (SIMMEL, 2005, p. 83) em agrupamentos de pessoas específicas, acrescentando “o universo das coisas que têm um certo valor coletivo” (SIMMEL, 2005, p. 84). Daí que, para entender o discurso de redes de sustentabilidade exposto adiante pelas artesãs, é necessário compreender que tais redes permitem às artesãs estabelecerem uma definição situacional delas mesmas.

¹ Graduada em Ciências Sociais e Mestre no PPG Ciências Sociais Unisinos. nise_paiva@yahoo.com.br.

² Doutor em Ciências Sociais, Professor do PPG Ciências Sociais-Unisinos e do PPG Desenvolvimento Regional da UFT. jrlopes@unisinos.br.

Aqui, a concepção de Simmel é complementada pela concepção de compromisso identitário, de Bajoit (2006), ou seja, de que a identidade se faz, na contemporaneidade, por compromissos estabelecidos em ações coletivas que preservam os propósitos dos indivíduos. Dessa forma, o discurso sobre um compromisso identitário permitiria apreender que a identidade se constitui em uma perspectiva sempre relacional.

Seguindo essas concepções complementares, daremos destaque a um conjunto de exposições das artesãs e de alguns de seus parceiros, de maneira a expor a aproximação entre as atividades que compõem a dinâmica de suas produções culturais e a as trajetórias de constituição de suas identidades, como marcação da diversidade cultural. Inicialmente, enfatizamos os discursos elaborados através das parcerias que desenvolveram com a Justa Trama, como contexto inaugural da trajetória de compromissos estabelecidos pela Cooperativa. Na sequência, enfatizamos os discursos que atualizam esses compromissos, em redes locais. O argumento que segue a linha narrativa deste estudo é o de que as atividades e projetos objetivados nas parcerias estabelecidas inicialmente se desdobram em compromissos identitários e se expressam em representações de valor dos produtos e, de maneira ampliada, em representações de diversidade cultural e sustentabilidade ambiental.

1. A Cooperativa e a rede da Justa Trama

A relação da Cooperativa com a Justa Trama tem cumprido uma função importante na abertura de mercado nacional e internacional para os produtos da Açafá, mas, através das citações de entrevistas abaixo, expomos como o estabelecimento desta parceria modelou uma percepção e um discurso sobre suas lógicas de ação, assim como sobre as representações de sustentabilidade das artesãs.

A filiação à Justa Trama se deu no ano de fundação da Cooperativa (2003) e está baseada em valores da economia solidária. A Justa Trama é uma Cadeia Ecológica de Algodão Solidário com sede em Porto Alegre – RS, configurada como um segmento de várias cooperativas distribuídas em cinco estados do país, que trabalham com o plantio, tingimento, fiação e produção de tecidos a partir do algodão agroecológico.

São homens e mulheres, agricultores, coletores de sementes, fiadoras, tecedores e costureiras somando 600 cooperados/associados, nos estados do Rio Grande do Sul,

Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Ceará e Rondônia. Neste último, em Porto Velho, situa-se a Cooperativa Açaí, onde as artesãs associadas trabalham na produção de bijoias, ecojoias e botões confeccionados com sementes do bioma amazônico, além de bonecas dos retalhos³.

Nesse arranjo, encontram-se distintos biomas e contextos sociais. Entre os atores sociais da rede estão “associados em autogestão, trabalhadores dos meios rural e urbano, de diversos setores da economia, como agricultura, a indústria e o artesanato [...] orientadas(os) por ações políticas comuns” (ANDRADA, 2013, p.18 e 26).

A vinculação à Justa Trama, entretanto, se estabelece já no quadro de outras vinculações construídas pelas artesãs, como atividades que constituíam sua identidade. Assim, Nelsa, dirigente da Justa Trama, expõe que a experiência como membro do Fórum Brasileiro de Economia Solidária lhe permitiu trocar saberes sobre a atividade artesanal. Foi aí que a Cooperativa consolidou relações sociais e comerciais com o projeto da Justa Trama. Na ocasião de umas das edições do Fórum, Nelsa propõe a ideia dos acessórios de botão de coco e dos colares de sementes produzidos na região Norte, como valores agregados às roupas de algodão agroecológico da cadeia produtiva. Nesse sentido, a “Justa Trama vem pra fortalecer os empreendimentos, que **tem um produto que nos une a todos**” (Nelsa).

A Cooperativa Açaí eu conheci ela através da Dalvani, que naquele período era a pessoa que representava a Cooperativa e estava em todos os espaços que a gente participava na Unisol Brasil e no Fórum Brasileiro de Economia Solidária. A Dalvani representava a região norte, sobretudo de Rondônia no Fórum de Economia Solidária, no Fórum Brasileiro de Economia Solidária e também ela participou da direção da Unisol. Foi **um encontro assim de uma identidade muito legal desde que a gente se viu pela primeira vez** (Nelsa).

E a Cooperativa Açaí ela esteve com a Justa Trama desde o primeiro momento que se começou a pensar a Justa Trama e **fez parte da constituição a Justa Trama**, é uma das cooperativas primeiras. A Cooperativa Univens, a Justa Trama e a Cooperativa Fio Nobre foram as três cooperativas do ponto de vista jurídico que formaram a cooperativa central, porque pra você ter uma cooperativa central tem que ter no mínimo três cooperativas. E aí começamos conversar, **a cooperativa Açaí com os colares, eles acompanharam as peças da Justa Trama desde o princípio, depois desenvolvendo botões de vários tamanhos, sobretudo de coco, mais tarde botões de tucumã** (Nelsa).

Essas primeiras exposições já indicam como a composição de trabalhos parciais e recíprocos está estreitamente relacionada com as trajetórias de constituição de identidade dessas artesãs. Na continuidade dessas exposições, inclusive, evidencia-se

³ Disponível em <<https://www.justatrama.com.br/como-fazemos/>> Acesso em 24.03.2019.

como o processo inicial de produção de botões diversifica as parcerias, assim como a própria parceria com a Justa Trama torna-se espaço para diversificações de projetos e produtos, que resultam objetivados em trabalho coletivo.

Então, **quando a gente precisava de botão era buscar antigos associados da Açaí pra que fossem fazendo** e a Dalvani tinha uma queda muito grande pelas bonecas, ela que trouxe numa reunião a proposta de delas fazerem bonecas e a gente achou muito legal porque a gente nunca... não tem uma linha infantil, mas a gente achava que era legal entrar numa linha infantil com um produto que, sobretudo, as crianças gostem e que é um aproveitamento dos retalhos pequenos da Justa Trama e é algo muito legal assim. **Eu gosto de ver o processo e também começaram a trabalhar de forma coletiva** (Nelsa).

A trajetória de parcerias iniciada pelo vínculo tecido junto à Justa Trama é tramada no Fórum Brasileiro de Economia Solidária, como um encontro de propósitos que fortalece compromissos identitários (BAJOIT, 2006) e estabelece princípios que orientam suas lógicas de ação. Os contextos de objetivação dos produtos que se desenvolve na trajetória dessas parcerias, por outro lado, ora reforçam os propósitos que as inauguram, ora geram reconhecimentos ampliados do caráter de diversidade que se tece nas mesmas.

A gente se não tivesse a cooperativa Açaí estaria fazendo detalhe de nossas peças com botões de plástico ou com botões, sei lá, alternativas, mas que rompia com a questão toda de ser da economia solidária, de cooperativas e associações. A gente, também a **Cooperativa Açaí hoje ela é importante porque as bonecas significaram um novo momento pra Justa Trama** sabe, onde você pode atender uma gama de pessoas diferentes. [...] **Para nós, a cooperativa Açaí ela representa o norte do Brasil com sua diversidade, essa questão da Amazônia sabe, ela é muito especial na Justa Trama** (Nelsa).

Esse reconhecimento extrapola as interações tecidas entre as parceiras e se legitima em um campo ampliado de representações da diversidade cultural e de sustentabilidade ambiental, no qual as artesãs buscam recursos. Esse é o caso de alguns projetos desdobrados da parceria com a Justa Trama, como o projeo desenvolvido para as Lojas Renner, em 2016.

O projeto “A trama justa da moda que inclui: costureiras, artesãs e sustentabilidade”, inscrito pela Justa Trama no Edital Instituto Lojas Renner/ONU Mulheres⁴, foi elaborado e encaminhado pela Justa Trama e executado pela Cooperativa

⁴ O edital previa um escopo de empreendedorismo, qualificação profissional, cidadania e geração de renda para mulheres em situação de vulnerabilidade. e avaliou, entre outros aspectos, a consistência da atuação junto às comunidades, a coerência entre objetivos e ações propostas, o planejamento orçamentário e as condições estruturais e de capital humano para a condução do projeto. Disponível em: <<http://www.institutolojasrenner.org.br/fique-por-dentro/noticia-181> > Acesso em 21.02.2017.

Açaí. O objetivo do projeto foi a criação e produção de bonecas com reaproveitamento de tecidos de algodão ecológico da Justa Trama. Para seu desenvolvimento, as artesãs fizeram pesquisa em revistas e internet e cada artesã criou um modelo de boneca e produziu a peça; a descrição do passo a passo da produção, o tutorial com moldes e modo de fazer foi elaborado pela Diretora de Criação da Cooperativa, Cristiane, e digitado pelo artesão Giovani para enviar para Justa Trama. O projeto previa 40 horas de curso e requeria assinatura do ponto de cada participante. Foi realizado de novembro a dezembro, na loja da Cooperativa, e cada participante recebeu R\$ 524,00. Desse valor, 10% ficaram para a Cooperativa. Cristiane destaca que mesmo com o encerramento do projeto há a possibilidade de serem feitas encomendas das bonecas criadas para a Cooperativa confeccionar.

Este exemplo de projeto derivado da parceria com a Justa Trama, assim como a trajetória de interações regulares entre identidade e objetivação cultural, anteriormente descrita, evidenciam o caráter de constituição de valor dos produtos confeccionados pelas artesãs. Contudo, como já afirmou Simmel (2006, p. 86), “não há nenhum valor de cultura que seja apenas valor de cultura; cada um precisa antes, para alcançar esta significação, ser também valor em uma série objetiva”. No caso da Cooperativa Açaí, essa série se configura na trajetória de objetivação de seus produtos, atividades e identidade, que se inicia em encontros de economia solidária e avança para o reconhecimento da diversidade cultural e das redes de sustentabilidade ambiental. Vejamos alguns arranjos dessa trajetória.

2. A objetivação dos produtos nas redes locais

Aqui, buscamos contextualizar as parcerias locais e regionais que se formaram na trajetória de objetivação dos produtos e atividades da Cooperativa Açaí, em consonância com a afirmação de um compromisso identitário com os propósitos coletivos estabelecidos entre as parceiras. Percebe-se nas exposições que seguem que as parcerias iniciam a partir de demandas específicas da objetivação dos produtos, mas se desdobram e ampliam para propósitos ampliados, que convergem para a questão da diversidade cultural e da sustentabilidade. Nesse sentido, as trajetórias das parcerias, simultâneas às trajetórias de objetivação dos produtos, possibilitam reconhecer um processo de singularização pelo qual os produtos adquirem biografias culturais

(KOPYTTOF, 2008), mas também, configuram regimes de valor assentados em concepções de autenticidade (SPOONER, 2008).

2.1 IFRO – Instituto Federal de Rondônia

O Instituto Federal de Rondônia formou uma parceria com a Cooperativa a partir da demanda de produção de uma tintura para os tecidos de algodão ecológico. A demanda é que as tinturas deveriam ser orgânicas, de maneira a acompanhar o princípio ecológico que orienta a produção. Em entrevista realizada com Ronilson de Oliveira, 47 anos, professor no Instituto Federal de Rondônia, constatamos vários elementos que possibilitam compreender as lógicas que relacionam a objetivação dos produtos da Cooperativa com a ampliação das tramas que estabelecem as parcerias.

O Instituto foi criado em 2008. A gente já tinha uma escola técnica lá em Colorado, naquela região que tem este sistema de produção mais plantation mesmo. Mas assim, a partir de 2008 que começa a atuação. Aqui em Porto Velho a gente tem dois campings, a gente tem o Zona Norte e o Calama né, e o zona norte começou a operar em 2013.

A gente está tentando, nós estamos estudando o desenvolvimento de um tingimento que seja utilizado nas roupas. E ele seria mais um elemento de produção também dentro deste processo.

Essa demanda explicita o caráter de compromisso identitário que acompanha regularmente a objetivação dos produtos da Cooperativa, inclusive, envolvendo o IFRO em propósitos de mudança de seus próprios procedimentos e conhecimentos.

An- Tingimento natural, como?

Ro- Tudo natural. Só com química orgânica. Nada inorgânico como parte do processo. Então assim, a gente, **é dolorido essa construção, por que assim, quando a gente pensa em química, a gente já pensa em química inorgânica, então a gente tem que agora desenvolver toda uma capacidade de pesquisa pra desenvolver esse produto** sem inserção de química inorgânica.

Nosso Campus ele tem uma característica de gestão, ele tem curso na área de gestão pública, de gestão comercial, e a gente tem um projeto de ação de planejamento estratégico também, então já tem todo um quadro de profissionais ligados à área de gestão. **E as conversas que nós tivemos com a Marina nós percebemos que havia uma necessidade de ajustes nestes aspectos, na área de gestão, na área de gestão de processos, gestão de produção, de gestão comercial.**

[...] as mudanças que aconteceram aqui na loja foram parte de um projeto de extensão que foi desenvolvido pelo campus. Alguns professores do campus juntos com os cooperados. Aí foi proposto um projeto de extensão que captou recursos, utilizados nessa pequena mudança que tá tendo aqui. **Mas na verdade este projeto é bem maior, a ideia é a gente cuidar muito o eixo do quem tem hoje de termos de produção.** Hoje a produção ela se concentra em alguns elementos, e assim, de forma muito isolada, isso faz com que o artesão, os cooperados, eles acabam não tendo um **retorno financeiro que dê sustentabilidade pra eles e pra**

cooperativa. Então a gente percebe assim que este espaço aqui, ele é um espaço um pouco de aglutinação, eles se reúnem muito aqui. Mas em termos comerciais ainda tem uma resposta muito pequena, quase que insignificante diante da necessidade da Cooperativa. A ideia é a gente **criar agora espaços de comercialização outros né, dentro da cidade e buscar parcerias com o governo do estado, buscar parcerias com a prefeitura, pra gente encontrar outros espaços onde a gente possa expor os produtos que são produzidos aqui.** E também que a gente consiga criar parcerias mostrando o desenvolvimento social gerado pela Cooperativa para outras organizações da cidade [...] inserir este produtos dentro deste, da rede comercial da cidade, para comercialização maior, e aí poderia aumentar nossa produção e gerar uma renda que seja suficiente para que os artesões sobrevivam disso. **Tornar a atividade mantenedora deles. Essa é a ideia.** E junto com isso a gente tem, o projeto também engloba que a gente consiga desenvolver as parcerias necessárias para que se tornar um processo produtivo perene. Aí **envolveria as sementes, envolveria as bonecas, as bijoias, cadeias produtivas.**

2.2 Comunidades ribeirinhas

As comunidades ribeirinhas, conforme o Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, são definidas pelo Estado como povos e comunidades tradicionais. Sendo assim, as comunidades ribeirinhas possuem

[...] características e especificidades socioculturais no que se refere à forte identidade com o local que habitam, às formas de apropriação e de usos do território e de seus recursos naturais. Esses usos são mediados por códigos morais, relações de parentesco e vizinhança, configurando uma organização social particular, essencialmente relacionada à história das comunidades e ao lugar de moradia (LASCHEFSKI, 2011, p. 30).

Desde o início deste estudo, o estabelecimento de parcerias e a sustentabilidade dos povos ribeirinhos e extrativistas são fortemente mencionadas nos discursos das associadas e associados e estão inseridas entre as pautas principais da Cooperativa Açaí. Para Dalvani (artesã), a compreensão de que o conhecimento do ribeirinho “seja transformado em geração de renda, porque é um conhecimento que mantém o planeta”, expressa a importância destes povos para a cooperativa, mas também para toda rede Justa Trama como nos fala Nelsa: “Fortalecer a Cooperativa Açaí pra nós também é fortalecer a Amazônia”.

Ocorre que as comunidades ribeirinhas, antes próximas de Porto Velho, eram parceiras regulares das cooperadas, através de redes constituídas para coleta de sementes. Atualmente, ao contrário do que desejam as associadas da Cooperativa, essas comunidades se encontram em uma dupla distância: uma distância territorial e também

uma distância relacional frente ao projeto inicial da Cooperativa, no qual se estabeleceriam laços sociais e comerciais permanentes com essas comunidades.

Esse distanciamento aconteceu devido a dois eventos principais: i) a construção da hidrelétrica Santo Antônio que, devido ao alagamento de uma grande extensão de área habitada, forçou as comunidades ribeirinhas próximas de Porto Velho a deslocamentos, distanciando-os de sua principal fonte de alimento e renda, o rio Madeira; ii) uma enchente histórica⁵ ocorrida no ano de 2014, que provocou também o deslocamento de moradores ribeirinhos.

Para apresentar um pouco do que representa a Amazônia em termos mais amplos, estima-se que ela possui, segundo Pereira (2016), o “maior ambiente de sociodiversidade e biodiversidade do planeta e a maior reserva de florestas latifoliadas tropicais do mundo” (PEREIRA, 2016, p. 27). Em relação a grande quantidade de rios, a “Amazônia brasileira possui 50% do potencial hidroelétrico do país [...] 25 mil quilômetros de rios navegáveis, o que equivale a 1/5 da água doce do planeta [...] e detém 12 milhões de várzeas e terras férteis”. (PEREIRA, 2016, p. 27). Esses dados nos fornecem uma breve noção do que estamos falando quando nos referimos à Amazônia e as complexidades que envolvem as populações ribeirinhas amazônicas.

Das comunidades ribeirinhas mais distantes, com as quais a Cooperativa Açai reorganizou vínculos e parcerias para obtenção de sementes, realizamos uma incursão etnográfica em São Carlos do Jamari, em 2017. A escolha por São Carlos se deu por conta da maior facilidade de acesso ao local em comparação com outras localidades ou distritos.

O distrito de São Carlos do Jamari está localizado às margens do rio Madeira, mais precisamente na região denominado Baixo Madeira, na zona rural de Porto Velho, RO. O início de sua formação se confunde com a formação do estado de Rondônia, sendo a localidade mais antiga do estado⁶. O Distrito é composto pela Reserva Extrativista do Cuniã (RESEX)⁷ e diversas comunidades menores denominadas

⁵ Sobre a enchente histórica ver a matéria publicada no Portal Globo.com. Disponível em <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/03/maior-cheia-do-rio-madeira-completa-um-mes-e-rio-continua-subir-em-ro.html>> Acesso em:

⁶ “Fundada em 1723 pelo padre jesuíta João Sampayo a primeira povoação da margem direita do rio Madeira, a Missão de Santo Antônio do Alto Madeira, na foz do rio Jamari” (LIMA, 1991, p. 70, apud CAETANO, SILVA, ALVES, 2017, p. 351).

⁷ Com área de 75.876,67 hectares a Reserva Extrativista do Cuniã foi criada em 1999, Decreto nº 3.238 de 10 de novembro de 1999. Disponível em

“colocação”, este termo era utilizado na época da extração da borracha para identificar os locais onde eram “colocadas” as famílias de seringueiros. A região central de São Carlos era o ponto de concentração da borracha vinda das localidades ou colocações da região, ali “passava o navio pra levar a borracha”, e na década de 80 se tornou Distrito de Porto Velho. A comunidade foi se formando durante o ciclo da borracha e após o término deste passaram a trabalhar na pesca e extração da castanha e açaí.

Os moradores mais antigos do local com quem conversamos relataram ter vindo ainda pequenos para a localidade, acompanhados de seus pais que trabalhavam com a extração da borracha. Após o fim do ciclo da borracha, passaram a trabalhar na pesca e extração da castanha e açaí. A pesca para consumo próprio é prática comum também para aqueles e aquelas que trabalham em outras atividades.

O distrito possui uma pequena pousada e um hotel ainda em construção, posto de saúde, um único cemitério, subdelegacia, ginásio de esportes, internet via venda de senha, ou pacotes, e campo de futebol. Muitos moradores são funcionários públicos, trabalham na escola, posto de saúde, subdelegacia ou nos serviços gerais de obras e manutenção. Estes funcionários juntamente com os aposentados ou recebedores de algum tipo de benefício, necessitam ir para Porto Velho para receberem. Outros trabalham com o extrativismo e pesca, entretanto algumas opções como o açaí diminuíram bastante devido a enchente, nestes casos, para muitas pessoas o garimpo de ouro no rio Madeira está sendo uma alternativa importante.

Para além do reconhecimento dos vínculos com as comunidades ribeirinhas que atravessam regularmente os discursos de sustentabilidade das cooperadas da Açaí, buscávamos com essa incursão também apreender as lógicas e estratégias operadas na reorganização das redes tecidas em tais parcerias para a obtenção das sementes. Esses propósitos já haviam sido objetivados na parceria da Cooperativa com o IFRO.

A expectativa de reorganizar a rede com as populações ribeirinhas foi renovada com a participação do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) na pessoa do professor Ronilson. Para ele, a cooperativa Açaí, com seu trabalho com sementes iria “conseguir captar esta produção desses ribeirinhos” agregando mais renda a essas famílias.

[...] o Ribeirinho ele é, **ele tem uma dificuldade muito grande pra encontrar elementos que deem sustentabilidade pra ele** [...] e eles não conseguem também ter renda a partir daquilo que eles fazem ali. Aí, se você observar, a gente tem

estudos que demonstram que eles têm um pouquinho de agricultura, eles têm um pouquinho de pesca, eles têm um pouquinho de extrativismo vegetal né [...] **A ideia é a gente tornar este processo de extrativismo de produtos não madeireiros sustentável pra eles, a ponto deles conseguirem se manter ali [...].** Por que a gente sabe que é uma ligação muito forte. Isso é algo que vem desde os ciclos da borracha, muito forte entre essas pessoas e o meio onde ele subsiste.

Em diálogo com Ribeiro (2010, p. 51), a ligação entre os moradores dessas comunidades, a floresta e o rio, é mencionada como modo de vida único.

Ao vivenciar a imensidão da floresta, [...] cria e recria modos únicos de uma vida ribeirinha [...] assim, o rio e a mata ultrapassam o limite da materialização e ganham representações culturais para o grupo, como consequência podemos perceber que essa apreensão não homogeneizada do espaço vivido é percebida pela naturalidade como o pescador vivencia o rio [...].

E assim retoma Ronilson, justificando a parceria da Cooperativa com essas comunidades:

Para o ribeirinho também é a mesma condição. E assim, hoje a gente tem um problema muito sério pra esses produtores extrativistas, daquele atravessador. Esse atravessador, com essa perspectiva deixaria de existir, porque a cooperativa receberia, e modelo cooperativo é muito simples, aquilo que é ganho da cooperativa é ganho de todos né, seria repartido com todos. Então, agrega esse valor a isso.

Dessa forma, no discurso do representante do IFRO, a parceria iniciada para a produção de uma tintura orgânica se amplia e diversifica buscando, segundo ele, alcançar sustentabilidade para os parceiros envolvidos.

Porém, o que ocorre atualmente na relação entre a Cooperativa e as comunidades ribeirinhas está em uma fase preliminar, considerando tais propósitos. O que percebemos dessa interação, no Distrito de São Carlos do Jamari, é que ela é sazonal e por demanda. Na incursão realizada, constatamos que a demanda por sementes é direcionada a um agenciador local do Distrito, que a transfere aos trabalhadores das plantações de castanha. Geralmente, na ida para as plantações, ou no retorno das mesmas, esses trabalhadores coletam as sementes, segundo o tipo e quantidade especificados pelo agenciador. As sementes foram entregues ao agenciador e, posteriormente, a um associado da Cooperativa, em garrafas PET.

2.3 Hidrelétricas e MAB-Movimento dos Atingidos por Barragens

As artesãs da Cooperativa, alguns moradores de Porto Velho e moradores do Distrito de São Carlos com quem conversamos expressam em diversos relatos as

implicações que as construções das hidrelétricas de Santo Antônio (3.150MW) e Jirau (3.450 MW) (LASCHEFSKI, 2011) trouxeram para seu dia a dia. Essas implicações vão desde as belezas naturais extintas, como a cachoeira de Teotônio, que “era a coisa mais linda, que virou só pedra”, e o estouro do boto na boca do rio Jamari, até a explicação sobre escassez e morte de peixes, além de muitas árvores e palmeiras estarem na “química do rio”. Para os senhores Pedrinho e Márcio, esta química foi produzida porque na natureza muitas plantas contêm algum tipo de “veneno”.

As hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, ambos projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), são referidas pelos entrevistados como as responsáveis pela diminuição dos peixes no rio e pela enchente de 2014. As duas hidrelétricas estão localizadas no rio Madeira, na cidade de Porto Velho, com distância entre elas de cerca de 110 km. Ainda na mesma região, no rio Jamari, foi construída na década de 1980 a hidrelétrica de Samuel, a pouco mais de 50 km de distância da zona urbana de Porto Velho, através da rodovia 364.

Ocorre que a construção das hidrelétricas afetou não somente o uso das águas dos rios pelas comunidades locais, mas também desestruturou as redes de sustentabilidade tecidas entre os ribeirinhos, como evidenciamos em outro estudo (LOPES, SCHIERHOLT, 2018). Nesse processo, as ações empreendidas pela Cooperativa para reorganizar suas redes com os ribeirinhos encontra outra parceria: o MAB-Movimento dos Atingidos por Barragens, da região, que trabalha em negociações com essas três hidrelétricas.

Nossa interlocução com o MAB ocorreu através de Márcio, que tem 42 anos e está há 30 anos na região de Porto Velho. De pai seringueiro, veio com a família do amazonas no ciclo da borracha e trabalhou como seringueiro durante cinco anos. Antes de morar em São Carlos, morou na região onde foi construída a hidrelétrica de Samuel. Como coordenador do MAB de São Carlos faz muitas viagens para levar formação às regiões que têm projetos de construção de hidrelétricas, mostrando os benefícios e malefícios dessas construções e informando quais são os direitos dos atingidos. Os agentes do MAB trabalham com 150 famílias, divididas em 8 grupos em São Carlos.

Os relatos de Márcio, assim como outros, de moradores locais, nos auxiliam a compreender que a desestruturação das redes de sustentabilidade dos ribeirinhos levou vários deles a buscarem alternativas ocupacionais relacionadas às novas condições

ambientais geradas pelas hidrelétricas. Assim, Márcio afirma que a pesca antes das barragens “não tinha coisa melhor, tirava R\$ 1.200,00 no mês, hoje tem meses que dá só pra alimentação”. Da mesma maneira, outros moradores do Distrito contam que todos aqueles que estão trabalhando como “bandeirinhas”, como são chamados quem faz a travessia do rio, eram pescadores, no entanto, quando construíram a hidrelétrica acabou o peixe e, com a construção da estrada, compraram os barcos. Começaram com a “rabetinha” própria para pesca que já possuíam e, conforme foram melhorando, compraram a “voaderinha”, através de financiamentos.

2.5 O Polo de beneficiamento de sementes

O Polo é o espaço onde seria realizado todo o processo de beneficiamento de sementes que, devido ao às condições insalubres como poeira e barulho, não podem ser feitas no local da loja da Cooperativa. O local onde está sendo construído foi comprado com financiamento do CONOSUD⁸ e a obra está em fase de conclusão. O local escolhido está localizado junto ao Parque Natural Municipal de Porto Velho, também conhecido como Parque Ecológico, localizado a 15 km do centro de Porto Velho, contém floresta e é rico em palmeiras como babaçu e tucumã.

Dalvani explica

O polo, quando nós compramos o polo a nossa visão foi que nós tivéssemos **um local que mostrasse pra nós a sustentabilidade**, que tivesse **um ambiente onde tu tivesse contato real com o que tu tá produzindo** entendeu, então, quer dizer assim, um local onde tem bastante éh... floresta, é um local onde a gente quer transformar num ambiente onde você tenha fruta de lá, tenha o chá natural de lá pra você tomar um lanche [...] e muitas das próprias palmeira tem lá, [...] o babaçu, a tucumã, você pode adquirir de lá e **isso vai dá um pouco de responsabilidade social pros próprios artesões**, que do jeito que eles tão transformando aquele ambiente eles sabem que **da mesma maneira nós temos que levar pro ribeirinho, da mesma maneira pro extrativista, então quer dizer, essa mentalidade que nós queremos construir lá** [...] quando gente pensou **não foi só um local onde eu fosse fazer a biojoia, foi um local onde eu tivesse todos os estágios pra que eu tivesse realmente uma identidade**.

Aqui, a exposição de propósitos de Dalvani evidencia como a articulação entre a objetivação dos produtos da Cooperativa e as parcerias estabelecidas em sua trajetória configuram um compromisso identitário. Desde sua exposição, explicitam-se registros que permitem compreender que as representações construídas nas parcerias nacionais

⁸ Trata-se de financiamento da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários, da Espanha, em parceria com a UNISOL. Disponível em: <http://www.unisolbrasil.org.br/cooperativa-acai-comemora-10-anos-em-grande-estilo/>. Acesso em: 20.07.2018.

foram objetivando esses compromissos identitários com atores reconhecidos nas redes locais de sustentabilidade. E desde as exposições dos parceiros, essas representações também se evidenciam.

Assim, a compra do terreno e a construção do polo de beneficiamento de sementes desde o início estiveram vinculadas aos parceiros e projetos da Justa Trama. De acordo com Nelsa, a construção do polo está vinculada a projetos que financiavam a construção de sedes:

A gente conseguia apoio pra sedes, então, essa entidade da Espanha ela quem nos ajudou pra essa sede aqui, depois nos ajudaram pra gente comprar uma sede que é onde tá a cooperativa Nova Geração, que tem... hoje atende 56 crianças, que é uma cooperativa de educação que era pra atender nossos filhos, netos tal e as pessoas que mais precisam da comunidade e, depois daí, a gente levou a demanda do polo e aí eles falam: “puxa se vocês foram legais, tocaram esse aqui, tocaram esse então vamos apoiar também com esse” (Nelsa).

Porém, as dificuldades de incrementação do Polo foram subestimadas no projeto de sua objetivação e, em novembro de 2016, Nelsa, atual presidente da Justa Trama, esteve em Porto Velho para reunir-se com a diretoria da Cooperativa Açaí. Nesta reunião, foi sugerido pelos membros da diretoria da Cooperativa vender o polo e comprar uma casa perto do Rio Madeira, no centro de Porto Velho. Os argumentos que impulsionaram a decisão estão relacionados a algumas mudanças de interesses da Cooperativa, em focar sua produção na confecção de bonecas. Outros problemas, como a dificuldade em relação à distância do polo ao centro de Porto Velho, a demora e os impasses para colocar energia elétrica no local e o risco constante de perderem o espaço onde está a loja, contribuíram para a decisão. A isso se somou a questão da Cooperativa de não trabalhar apenas com sementes, mas também com outros materiais, como destaca Giovanni:

Se no caso a gente focasse lá dentro, se fosse um tipo só de coisa, como a Cooperativa ela não é feita, por exemplo, não é só semente, se o nosso fosse só semente, então, tudo que você olhava aqui era semente então ficaria fácil de você fazer qualquer tipo de atividade. Se o polo fosse só semente você colocaria tudo relacionado à semente [...] aí vamos dizer, no caso das bonecas: costura, como você vai colocar dentro do polo éh, beneficiamento de sementes, fazendo pó aquele negócio todo, que levanta muito pó na lixa e ter a confecção? Então, não tem como você fazer as duas, as duas atividades na mesma... Então fica difícil, aí a ideia que a gente trocou com a Nelsa, na última vez que ela teve por aqui, é de vender e tá conseguindo comprar a nossa sede aqui, usar a venda do polo e comprar a sede aqui (Giovani).

A parceria com o IFRO também evidenciava propósitos que seguiam essas orientações de compromissos identitários. Sobretudo, no mapeamento dos processos produtivos, o Professor Ronilson indicou perspectivas de superação de algumas segmentações. Nos processos de beneficiamento das sementes e montagem de biojoias e ecojoias são utilizados equipamentos como a morsa, na qual é feito o processo de marchetaria e também para prender peças que serão serradas, um esmeril adaptado para o uso de diversas lixas (Arlete referiu-se a 12 granas diferentes), furadeira, mandril, serra e a rola utilizado para o polimento final das sementes. Cada cooperado executa algumas ou todas as etapas citadas acima. Algumas sementes são mais caras, como a Jarina, porque vem do Acre, e o coco porque é mais difícil e demorado para atingir o resultado desejado. Este é usado na fabricação dos botões para a Justa Trama e somente um cooperado é quem atualmente os produz.

E com relação as biojoias a gente tá iniciando o processo de construção, a gente já mapeou o processo de fabricação da boneca e agora a gente tá tentando ver se consegue inserir elementos de melhorias neste processo, pra dar mais agilidade pra eles e facilitar também o trabalho né, pra parte deles, e oferecer elementos de qualidade pra esta boneca, pra que depois não tenha nenhuma reclamação em relação as bonecas. Então, a gente tá trabalhando nisso, nesta parte do processo de produção, e ao mesmo tempo a gente tá trabalhando nesta vertente de abrir outros espaços pra comercialização. E tentar desenvolver agora, neste momento, a questão da biojoia, inserir, mapear o processo, tentar ver onde a gente pode inserir elementos como design, como características regionais neste design, coisas deste tipo a gente pretende fazer também com a biojoia, daí depois a gente busca mercado também pra esses produtos (Ronilson).

3. Diversidade cultural e redes de sustentabilidade

Essa seção final do estudo tem a intenção de explicitar as concepções de sustentabilidade e redes de sustentabilidade constituídas das articulações anteriormente destacadas. Para tanto, expomos a seguir alguns depoimentos das artesãs e das parceiras que enfatizam os propósitos mais manifestos compartilhados nas redes estabelecidas, mas também algumas exposições que explicitam arranjos que ainda devem ser tecidos, na trajetória dessas articulações.

Inicialmente, Nelsa destaca o quanto o acompanhamento da trajetória da Cooperativa foi importante para reconhecer as mudanças havidas no ambiente local e avaliar seus impactos sociais na região e na organização daquela.

É que a gente acompanhou muito a Cooperativa Açai num processo anterior às grandes represas, às grandes usinas que foram construídas lá e aí é como se tivesse vindo uma avalanche. Agora veio a usina, veio aquele monte de gente, virou a cidade pelo avesso, investiu em poder ter locais para as pessoas morarem,

ficarem... Foram feitos investimentos, o estado de Rondônia não pode usufruir de nenhum KWATTS dessa energia gerada lá, mas, no entanto, **muito da natureza foi transformada, muitas famílias deslocadas e também o principal ponto de venda que eles tinham que era na beira do rio Madeira**, acho que é aquele rio que tem ali perto, ele foi retirado sabe, e ele era um ponto bom de comercialização. Então **quando foi embora toda a construção das usinas a sensação que eu tenho toda vez que eu vou lá é que voltou a pobreza piorada de antes, essa é a minha sensação de Rondônia** (Nelsa).

Já o depoimento de Ronilson, na sequência, vai enfatizar um equilíbrio necessário a ser construído nas relações entre cidade e floresta amazônica, como seres vivos. Seu discurso enfatiza que ambas se transformam pela ação de humanos e não humanos, interagindo na efetivação de trocas.

É, a gente tem que entender que a floresta Amazônica é um ser vivo como outro ser vivo. Eu considero é, a minha perspectiva de visão do mundo, é de que tudo é ser vivo, então essa cidade também é um ser vivo, ela pulsa, através das nossas ações ela também vive né. Assim como a floresta também vive através de tudo que existe dentro da floresta e tal. A gente precisa encontrar uma forma de equilíbrio entre seres vivos. **Seres vivos vivem para fazerem trocas, a gente faz troca, a gente doa e a gente recebe, e a gente precisa encontrar uma forma de estabelecer essa relação de forma equilibrado.**

[...] a gente tem que entender que a floresta é tão importante quanto a cidade, que as pessoas que estão na floresta são tão importantes quanto as pessoas que estão nas cidades, e respeitando isso a gente estabeleceu uma linha que consiga gerar um processo produtivo de recebimento e doação também pra floresta.

E é justamente na efetivação de trocas, entre humanos e não-humanos, na cidade e na floresta, que ele reconhece um ideário de construção das redes de sustentabilidade.

A gente tem, **dentro do projeto a ideia é que a gente construa uma rede de sustentabilidade**, de sustentação com o projeto. Governo do estado, município, né, outros órgãos, organismos, que possam colaborar de alguma forma. Como eu falei pra você, a gente tem vários projetos submetidos em editais, que seria uma forma deles participarem junto com a gente né. Então assim, a gente tá formando essa cadeia, tá construindo isso. O meu trabalho de dissertação foi relações inter organizacionais. Então, a ideia é que a gente estabeleça essas relações inter organizacionais e dê sustentação pro projeto, pra que ele não se, não dependa de pessoas, **que ele seja um projeto mais dentro do ideário, o ideal de construção.**

No discurso de Ronilson, o deslocamento das representações acerca das trocas entre humanos e não-humanos, entre cidade e floresta, para um ideário de construção das redes, é justificado pelo entendimento das redes de sustentabilidade como tramas organizacionais.

Esse mesmo princípio de entendimento é utilizado por Nelsa, na sequência, ao enfatizar a lógica de organização da diversidade, na cadeia Justa Trama. Porém, mesmo reconhecendo um princípio de diversidade operando essa lógica, ela também reconhece

a relativa autonomia expressada nas representações das associadas da Cooperativa e nas marcas identitárias que as mesmas imprimem na configuração da Justa Trama e nos produtos que confeccionam.

[...] a Efafe participa das feiras e vende os produtos de todo mundo, a Cooperativa Univens aqui, a gente participa das feiras e vende os produtos de todo mundo, a Dec já fez venda dos produtos de todo mundo e a Açaí também. Então, na verdade **todo mundo quando vai vender não vende os produtos de um, vende os produtos da Justa Trama que são a diversidade** que é.

A. O Giovani chegou me comentar, não foi na última vez porque ele não estava, ele estava em viagem, mas de pensar uma linha de bijoias e ecojoias específicas pra Justa Trama. Isso aconteceu?

Não chegou acontecer, mas é legal que daí pudesse ser mais com tecido, talvez né.

E a Cooperativa Açaí, de modo especial no período que a Dalvani estava, era uma das que conseguiam fazer falas pra fora sabe, de eventos assim, ah tem um evento lá em São Paulo e precisa ir falar da Justa Trama, a Dalvani ia lá e falava, **falava muito da Amazônia e falava da Justa Trama**. Agora, hoje quem tem uma participação mais ativa na Justa Trama é a Cristina e o Giovani, que é presidente da Cooperativa. A Antônia muito tempo, todos eles já participaram diretamente né, a Arlete e a Antônia tiveram participações nas reuniões, demarcaram muita presença, a Marina né, mas todos eles já passaram pelo conselho administrativo. Então, não tem como não escrever a história, escrever a história da Justa Trama sem ter uma marca forte da Cooperativa Açaí. As pessoas as vezes podem achar ‘ah, mas é só o botão!’ Não, o botão é muito! As pessoas se encantam quando a gente vai falar e mostra o produto que é feito lá, não faz ideia que podia tirar do coco, fazer um botão sabe, nem imagina o processo como é feito, então pra gente, nós da Justa Trama também poder ter eles bah, ir lá pros rios, ribeirinhos, ver como é que o pessoal colhe o açaí, como é que faz o botão de tucumã sabe, como é que faz esse processo todo é algo muito encantador (Nelsa).

Por fim, é justamente nessas tramas organizacionais que as pendências enfraquecedoras das redes de sustentabilidade são identificadas. No caso da Cooperativa Açaí, seu atual presidente, assim como a presidente da cadeia produtiva Justa Trama, indica fatores relacionais ainda em suspensão.

A Nelsa conseguiu inserir a gente no projeto na UNISOL pra gente arrumar um contador aqui pra regularizar a situação da Cooperativa, né, e a UNISOL disponibilizaria R\$ 1.500,00 lá pra poder fazer o serviço aqui, só que a gente foi em vários contadores e foi aberto o edital 3 vezes, as pessoas dizem que vão se inscrever e não se inscreve e aí depois eles... confesso que é muito pouco pra gente estar trabalhando! (Giovani).

Porque a Justa Trama, isso nós já decidimos há tempo já, a Justa Trama, **ninguém de nós pode esperar da Justa Trama que ela dê demanda pra, pra sustentar todas as Cooperativas**, é algo que nós estamos construindo, que vem num crescente sabe. O agricultor, ele planta o algodão, mas ele planta o gergelim, planta o milho, ele planta o feijão, ele não vive só do algodão. A Cooperativa que faz o fio ela faz o fio da Justa Trama, mas ela faz o fio pra mais um monte de gente; a Cooperativa Univens ela costura as roupas pra Justa Trama, mas ela costura pra mais um monte de outros e aí a gente quer que esse crescente venha e nos absorva cada vez mais, mas, enquanto isso, cada um tem que buscar outros mercados

também e sentir aqui como algo que vai te fortalecendo, fortalecendo, que é teu sabe. E a **Cooperativa Açaí falta esses outros, sabe, que venham enquanto a Justa Trama vem com força** né (Nelsa).

Eu consigo vê, olha como eu imagino a Cooperativa Açaí, acho que era muito **legal se tivesse um espaço lá na cidade, de produção, que não fosse dentro da loja necessariamente, sabe, onde elas pudessem tá produzindo de forma coletiva, junto** (Nelsa).

Referências Bibliográficas

ANDRADA, Cris Fernández. **Trabalho e política no cotidiano da autogestão: o caso da rede Justa Trama**. 217f. Tese Doutorado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Paulo-USP, São Paulo (SP), 2013.

APPADURAI, Arjun. Mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008, p. 15-88.

BAJOIT, Guy. **Tudo muda**; proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí, RS: Editora Unijuí/Lisboa: CEOS, 2006.

LASCHEFSKI, Klemens. As tensões do lugar: Hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. ZHOURI, Andréa (Org.). **Licenciamento e equidade ambiental: As racionalidades distintas de apropriação do ambiente por grupos subalternos**. Belo Horizonte: Editora UFMG 2011, p. 22-59.

LOPES, José Rogério; SCHIERHOLT, Anelise F. P. Produção de biojoias no norte do Brasil: análise dos impactos institucionais, ambientais e de mercado em redes de sustentabilidade locais. **InterEspaço**, Grajaú/MA v. 4, n. 12 p. 155-173, jan. 2018.

PEREIRA, R. E. **Pela margem: ribeirinhos e transformações sociais na Amazônia**. São Paulo, 2016, 191f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RIBEIRO, Marcela Arantes. **No espelho das águas: Um lugar Ribeirinho no Rio Madeira**. Dissertação de Mestrado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Rondônia-PPGG/UNIR, 2010. Disponível em <http://www.mestradogeografia.unir.br/downloads/3376_marcela_arantes_2008.pdf> Acesso em 17.07.2017.

SILVA, Kelly Cristiane. O poder do campo e o campo do poder. **Entre saias justas e jogos de cintura**. Orgs. Alinne Bonetti e Soraya Fleischer. Florianópolis: Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2007, p. 229-253.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. In: SOUZA, Jessé; Ölze, Berthold (orgs.) **Simmel e a modernidade**. 2.ed. Brasília: EdUNB, 2005, p. 77-106.

SOVIK, Liv. Apresentação. Para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. **Da diáspora; identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG/Brasília: UNESCO, 2003, p. 9-21.

SPOONER, Brian. Tecelões e negociantes: a autenticidade de um tapete oriental. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008, p. 247-298.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas; métodos**. SP: Global, 1987.